

A. J. Cronin

A CIDADELA

Tradução
Genolino Amado

1ª edição

JO JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2021

Parte I

I

No fim de uma tarde de outubro, no ano de 1924, um jovem malvestido olhava atenta e intensamente pela janela de um vagão de terceira classe no trem quase vazio, que, vindo de Swansea, superava o vale do Penowell. Partindo do norte, Manson viajara durante todo o dia, fazendo baldeação em Carlisle e Shrewsbury, mas a etapa final da sua enfadonha viagem para o sul do País de Gales o encontrou sob o domínio de uma enorme excitação pela perspectiva do emprego, o primeiro da sua carreira médica, nesta estranha e desfigurada região.

Lá fora, uma pesada chuva fazia descer uma cortina de névoa entre as montanhas que se elevavam de um dos lados da via férrea. Os picos estavam ocultos na mancha cinzenta do céu, porém suas laterais, escalavradas pelos trabalhos de mineração, caíam pretas e desoladas, preenchidas em alguns trechos com o que foi deixado pelos mineiros, sobre onde vagavam alguns carneiros sujos na vã esperança de encontrar pastagem. Não se via sinal de vegetação. As árvores, vistas na luz fraca, eram fantasmas raquíticos e descarnados. A uma curva

do trem, o brilho vermelho de uma fundição lampejou um instante, iluminando um grupo de trabalhadores, nus da cintura para cima, os torsos retesados, os braços levantados para bater. Embora o quadro se perdesse rapidamente atrás da confusa engrenagem do alto da mina, perdurava uma impressão de força tensa e vívida. Manson respirou profundamente. Sentiu-se invadido por uma onda de estímulo, sufocado por uma alegria súbita que vinha da esperança e das promessas do futuro.

Já havia caído a noite, acentuando o ar estranho e distante da cena, quando, meia hora mais tarde, a locomotiva entrou resfolegando em Drineffy, a última cidade do vale e ponto terminal da linha. Chegara, finalmente. Apanhando a maleta, Manson saltou do trem e desceu rapidamente à plataforma, procurando com ansiedade qualquer sinal de boas-vindas. À saída da estação, debaixo de um lampião soprado pelo vento, estava a esperá-lo um velho de rosto amarelado, com um chapéu de abas largas e uma capa de borracha que mais parecia um camisolão. Examinou Manson com um olhar ictérico e, quando resolveu falar, a voz ainda era relutante.

— É o novo assistente do Dr. Page?

— Isso mesmo. Manson. Meu nome é Andrew Manson!

— Hum. O meu é Thomas. Velho Thomas é como muitos me chamam, os malditos! Trouxe aqui o cabriolé. Entre logo, a menos que prefira ficar na chuva.

Manson levantou a maleta e pulou no cabriolé desconjuntado, ao qual estava atrelado um cavalo alto e anguloso. Thomas seguiu-o, segurou as rédeas e gritou ao cavalo:

— Vamos, Taffy!

Atravessaram a cidade. Embora Andrew tentasse entusiasticamente distinguir os seus contornos, nada mais pôde ver na chuva torrencial além da mancha confusa de casas baixas e cinzentas, alinhadas ao pé das altas montanhas a perder de vista. Durante vários minutos, o velho criado ficou em silêncio, mas não parou de lançar a Andrew olhares

pessimistas por debaixo da aba gotejante do chapéu. Em nada se parecia com o cocheiro elegante de um médico importante. Era, pelo contrário, mal arrumado e sujo, exalando um cheiro esquisito de gordura velha de cozinha. Afinal, Thomas disse:

— O doutor acabou de colar grau, não é mesmo?

Andrew balançou a cabeça, concordando.

— Bem que eu sabia. — O velho cuspiu. O triunfo o tornava perigosamente comunicativo. — O último assistente foi embora há uns dez dias. A maioria não dura muito tempo.

— Por quê? — perguntou Andrew, com um sorriso, apesar do nervosismo.

— Creio que um dos motivos é o trabalho, pesado demais.

— E há outros?

— O senhor verá!

Um momento depois, como um guia que mostrasse uma catedral imponente, Thomas levantou o chicote e apontou para o fim de uma fileira de casas, onde uma nuvenzinha de fumaça estava subindo de um portal iluminado.

— Está vendo ali? Lá estão a minha patroa e a minha vendinha de batatas e peixe frito. Fritamos duas vezes por semana. O negocinho vai indo. — Uma ideia divertida torceu-lhe o lábio superior. — Não tardará muito até o doutor ter necessidade de conhecer a vendinha.

Ali a rua principal terminava e, virando para uma pequena via lateral, atravessaram um terreno baldio e entraram pelo estreito caminho que dava em uma casa isolada dos quarteirões adjacentes, atrás de três pinheiros. No portão estava escrito o nome Bryngower.

— Aqui estamos — disse Thomas, fazendo parar o cabriolé.

Andrew desceu. Logo em seguida, enquanto se preparava para a cerimônia da sua apresentação, escancarou-se a porta da frente e ele se viu no saguão iluminado, sendo recebido efusivamente por uma mulherzinha de cerca de 50 anos, alta, magra e risonha, com a fisionomia tranquila e olhos azul-claros.

— Ora, viva! Deve ser o Dr. Manson. Entre, meu filho, entre. Eu sou a Srta. Page, a irmã do médico. Espero que não tenha feito uma viagem muito cansativa. Oh! Que prazer em vê-lo! Quase esqueço onde fica a cabeça desde que o último assistente nos deixou. Um sujeito horrível! Só o senhor vindo! Nunca houve gastador igual. É o que lhe posso afirmar. Mas pouco importa. Agora, com o senhor aqui, tudo irá bem. Venha, eu mesma quero mostrar-lhe o seu quarto.

No andar superior, o quarto de Andrew era um aposento pequenino e modesto, com uma cama de metal, uma cômoda amarela e uma mesinha de bambu com bacia e jarro. Examinando o ambiente, enquanto os olhinhos da mulher, que pareciam dois botões pretos, observavam-lhe a face, Andrew disse com a preocupação de mostrar-se amável:

— Isso aqui parece muito confortável, Srta. Page.

— É mesmo, sem dúvida. — Ela sorriu e bateu-lhe no ombro, de modo maternal. — Ficaré esplendidamente instalado aqui, meu filho. Trate-me bem e eu lhe pagarei na mesma moeda. Não posso dizer nada mais justo, não é verdade? Agora, antes que envelheça mais um minuto, venha ser apresentado ao doutor. — Ela fez uma pausa. Seu olhar ainda interrogava o dele e a voz se esforçava para ser natural. — Não sei se lhe disse na minha carta, mas, para falar com franqueza, o doutor não tem andado muito bem ultimamente.

Andrew fitou-a com surpresa.

— Oh, não é nada de grave — continuou a mulher, apressadamente, antes que ele pudesse falar. — Faz algumas semanas que está de cama. Mas ficará bom em breve. Sobre isso não há dúvida.

Perplexo, Andrew acompanhou-a até o fim de um corredor, onde ela abriu uma porta, exclamando alegremente:

— Olhe aqui o Dr. Manson, Edward! O nosso novo assistente. Ele veio cumprimentá-lo.

Quando Andrew entrou no aposento, um quarto de dormir comprido, de cortinas completamente cerradas e com um pequeno fogo ardendo na grelha, Edward Page virou-se devagar no leito, parecendo

fazer com isso um grande esforço. Era um homem grande, ossudo, de 60 anos talvez, com feições envelhecidas e olhos luminosos, mas cansados. Em toda a sua expressão estampavam-se sofrimento e uma espécie de enfado. E ainda havia mais. Caindo sobre o travesseiro, a luz da lâmpada de azeite revelava um lado do rosto, que era macerado e sem expressão. O lado esquerdo do corpo era igualmente paralítico, e a mão esquerda, que caía sobre a colcha de retalhos, estava contraída em forma de funil. Observando esses sinais de um ataque grave e nada recente, Andrew sentiu-se tomado de súbito desalento. Houve um silêncio constrangedor.

— Faço votos para que goste disto aqui — observou afinal o Dr. Page, falando arrastado e com dificuldade, enrolando um pouco as palavras. — Espero que também não ache a clínica trabalhosa demais. O senhor é muito jovem.

— Tenho 24 anos, doutor. — Andrew respondeu desajeitadamente. — Sei que este é o meu primeiro emprego, porém não tenho medo de trabalhar.

— Está vendo? — a Srta. Page intrometeu-se. — Eu não lhe disse, Edward, que teríamos sorte com o nosso novo assistente?

Uma imobilidade ainda mais profunda caiu sobre a face do doente. Olhou para Andrew. E então o seu interesse pareceu declinar. Disse numa voz desanimada:

— Espero que o senhor fique.

— Meu Deus do céu! — exclamou a Srta. Page. — Isso é coisa que se diga? — Voltou-se para Andrew, sorridente, a desculpar-se. — Isto é só porque ele está um pouco abatido hoje. Mas ficará bom logo e voltará ao serviço, não é mesmo, querido? — Curvando-se, ela beijou carinhosamente o irmão. — Eu mandarei Annie trazer o seu jantar assim que terminarmos o nosso.

Page não respondeu. A expressão estática do rosto encostado ao travesseiro fazia a boca parecer torcida. A mão do lado bom estendeu-se para um livro que estava sobre a mesinha de cabeceira. Andrew viu o

título do livro: *As aves selvagens da Europa*. Antes mesmo que o doente começasse a ler, ele percebeu que devia sair.

Quando Andrew desceu para o jantar, seus pensamentos encontravam-se numa confusão dolorosa. Fora admitido para a vaga de assistente em resposta a um anúncio publicado no *The Lancet**. Todavia, na correspondência trocada até o fim pela Srta. Page, da qual resultou o emprego, nunca houve a menor referência à doença do médico. Certo era que o Dr. Page estava doente e não havia dúvida sobre a gravidade da hemorragia cerebral que o incapacitara. Passariam meses antes que ele pudesse voltar ao trabalho, se é que ainda poderia trabalhar outra vez.

Com esforço, Andrew afastou o problema da cabeça. Era jovem, saudável e não tinha objeção contra o trabalho extraordinário que a moléstia de Page podia lhe acarretar. Na verdade, seu entusiasmo ansiava mesmo por uma avalanche de chamados médicos.

— Você está com sorte, meu filho — observou a Srta. Page jovialmente ao entrar com alvoroço na sala de jantar. — Nesta mesma noite já pode ter uma amostrazinha do seu trabalho. Nada de serviço de ambulatório. Dai Jenkins incumbiu-se disso.

— Dai Jenkins?

— É o farmacêutico — disse a Srta. Page em tom natural. — Um sujeitinho jeitoso. E de muito boa vontade, também. Muitos o tratam mesmo por Dr. Jenkins, embora, é claro, não possa ser comparado, de forma alguma, com o Dr. Page. Ele se encarregou da parte do ambulatório e também de atender aos chamados nesses últimos dez dias.

Andrew fitou-a com um novo interesse. Voltou de repente, num clarão, à sua memória tudo que lhe haviam dito, todas as advertências que recebera a respeito dos discutíveis processos de clínica médica naquelas paragens longínquas do País de Gales. Mais uma vez, foi com esforço que ficou em silêncio.

* O jornal *The Lancet* é uma das mais importantes publicações científicas da área médica no Reino Unido. (N. do E.)

A Srta. Page sentou-se à cabeceira da mesa, de costas para a lareira. Quando se instalou confortavelmente na cadeira, com uma almofada, deu um suspiro e tocou uma sineta que estava diante dela. Uma criada de meia-idade, rosto pálido e bem lavado, trouxe o jantar e, ao entrar, lançou um olhar furtivo para Andrew.

— Venha, Annie! — exclamou a Srta. Page, passando manteiga num pedaço de pão macio e enfiando-o na boca. — Este é o Dr. Manson.

Annie não respondeu. De modo silencioso e discreto serviu a Andrew uma fatia bem fininha de carne: peito de vaca cozido e frio. Para a Srta. Page, entretanto, havia um lombinho quente com cebolas, além de meia garrafa de leite fresco. Quando ela levantou a tampa do seu prato especial e cortou um pedaço de carne suculenta, os dentes se aguçaram numa expectativa feliz. Explicou então:

— Quase não almocei, doutor. Além disso, tenho que observar a minha dieta. É o sangue! Tenho que tomar um pouco de leite para o meu sangue.

Andrew mastigou com disposição a carne fibrosa e só bebeu água. Passado um momento de indignação, sua principal dificuldade consistia em dominar o próprio senso de humor. O pretexto de doença apresentado era tão falso que ele conteve a muito custo uma grande vontade de rir.

Durante a refeição, a Srta. Page comeu muito e falou pouco. Por fim, ensopando o pão no molho da carne, terminou o bife, molhou os lábios com o restante do leite e recostou-se na cadeira, seu corpo magro relaxado, o olhar contido, avaliando. Agora, parecia disposta a demorar-se à mesa, inclinada a confidências, tentando talvez formar uma impressão de Manson, lá à sua maneira audaciosa.

Estudando-o, ela viu um rapaz moreno, magro e desajeitado, tenso, com maçãs do rosto salientes, queixo delicado e olhos azuis. Esses olhos, quando os levantava, eram extraordinariamente firmes e inquietadores, apesar da tensão nervosa da fronte. Embora nada soubesse a esse respeito, Blodwen Page estava diante de um celta. E, ainda que reconhecesse o vigor e a inteligência alerta na fisionomia de Andrew,

o que lhe agradou acima de tudo foi ter aceitado sem vacilação a fatia de uma carne de peito cozida havia mais de três dias. Ela deduziu que o assistente não era difícil de alimentar, embora parecesse faminto.

— Vamos nos dar muito bem, você e eu — declarou outra vez com efusão, enquanto palitava os dentes com um grampo de cabelo. — Bem que eu preciso de um pouco de sorte, para variar. — Enternecida, contou-lhe as suas atribulações e fez um vago esboço da clínica e de sua situação. — Tem sido horrível, meu filho. Você não pode calcular. Com a doença do Dr. Page e com esses assistentes malvados, nada está entrando e tudo está indo embora. Ah, nem imagina! E o trabalho que tenho tido para conservar a boa vontade do gerente e dos funcionários da mina!... É por meio deles que vem o dinheiro da clínica. Bem pouco, aliás — apressou-se em acrescentar. — Veja, as coisas estão arranjadas em Drineffy do seguinte modo: a companhia tem três médicos na lista, embora lhe deva explicar que o Dr. Page está muito acima dos outros, pela inteligência. E, além disso, o tempo que ele tem estado aqui! Quase trinta anos, ou mais. É algo que se deve levar em consideração! Pois bem, esses médicos podem ter tantos assistentes quantos queiram. O Dr. Page tem você. O Dr. Nicholls tem um sujeitinho chamado Denny. Mas os assistentes não entram para a lista da companhia. De qualquer modo, como ia dizendo, a companhia deduz uma parcela do salário de todos os seus empregados das minas e das pedreiras para pagar os médicos contratados, de acordo com o número de homens que se inscrevem para se tratar com eles.

Ela parou de falar e o encarou com um olhar inquisidor.

— Creio que já compreendi como é o sistema, Srta. Page.

— Então, muito bem. — Ela soltou o seu riso alegre. — Não deve mais preocupar-se a este respeito. Só deve se lembrar de que está trabalhando para o Dr. Page. Isto é o principal, doutor. Lembre-se de que está trabalhando para o Dr. Page, e o senhor e eu nos entenderemos bem.

Observando em silêncio, pareceu a Manson que a mulher procurava ao mesmo tempo inspirar-lhe piedade e firmar a sua autoridade sobre

ele de modo gentil. Talvez sentisse que tinha ido longe demais. Com um olhar para o relógio da parede, aprumou-se, colocou o guardanapo sobre a mesa e, depois, levantou-se. Sua voz estava diferente, quase autoritária.

— A propósito, há um chamado para Glydar Place, número 7. Veio por volta das 17 horas. É melhor ir atender o quanto antes.